



### GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Lévi-Strauss. Infelizmente também se dá aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

#### **?NUM EMARANHADO DE FOLHAS E FLORES SÃO TECIDAS AS ESTEIRAS?: Reflexões sobre os fluxos das coisas Iny e o estudo da Coleção William Lipkind do Museu Nacional (RJ)**

**Autoria:** Marília Caetano Rodrigues Morais

William Lipkind (1904-1974), antropólogo estadunidense, coletou em 1938 e 1939 cerca de 527 artefatos de origem Javaé, Kaiapó, Tapirapé, Karajá e outras que ainda não tem procedência especificada na documentação. A coleção se encontra no Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, denominada por "Coleção William Lipkind" (LIMA FILHO, 2017). Ao fazer das coisas da coleção William Lipkind tema de interesse, o presente trabalho busca problematizar o estudo de coleções/acervos etnográficos considerando os desafios da interação entre grupos indígenas e museus. E, refletindo, a partir de experiência etnográfica compartilhada com professores Iny Karajá sobre suas concepções em relação às coisas, estabelecer um diálogo com teorias antropológicas que se esforçam para compreendê-las. A experiência etnográfica que deu base para as reflexões que serão aqui apresentadas, foi desenvolvida a partir de iniciação científica no projeto acadêmico intitulado "Compartilhar Saberes: o fluxo das coisas Karajá e a coleção William Lipkind do Museu Nacional, UFRJ". Durante a pesquisa, participei como "monitora" no curso de licenciatura intercultural do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI) da UFG onde estabeleci as relações de interlocução que me possibilitaram, realizar: entrevistas etnográficas sobre os artefatos da Coleção William Lipkind; e uma breve experiência etnográfica em terra indígena, nas aldeias JK e Santa Isabel do Morro (Ilha do Bananal-TO), junto ao comitê de orientação Karajá do NTFSI. Dediquei minha inserção etnográfica a aprender sobre as maneiras que os Iny produzem, dão sentido e designam o lugar das



coisas no mundo. Com a inquietação de acessar um nível mais complexo e profundo da exegese sobre a materialidade das coisas, concentrei minha atenção na relação entre Raquel Manakiru ? professora da Escola Indígena Maluá (aldeia Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal-TO), aluna do NTFSI e principal interlocutora deste work ? e a bykyrè, em uma abordagem metodológica disposta a tentar ?fazer da ?participação? um instrumento de conhecimento? (FAVRET-SAADA, 2005), a submeter alguns conceitos teóricos ao encontro etnográfico e a identificar categorias analíticas na fala de Manakiru, seguindo a indicação de Fabian (2010), quando diz que uma ?etnografia de? é sempre também uma ?etnografia com?. Nesse sentido, para tentar compreender o fluxo das coisas na cosmologia Iny, com foco na relação entre Manakiru e a bykyrè (esteira), mobilizo os conceitos de coisa, malha e educação da atenção de Ingold (2010; 2012) e a noção de contextos sócio-ecológico-territoriais de Mura (2011), sob a perspectiva e o compromisso político da proposta de historicização radical e profunda apresentada por Oliveira (2007).

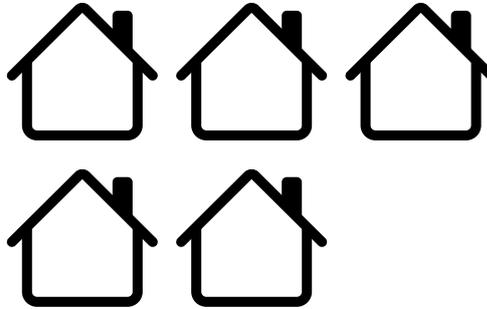
[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

